

ENSINO DE METÁFORA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: FLUXOS LINGUÍSTICO-LITERÁRIOS

Antonio Cilírio da Silva Neto (UEMA)

cilirio.neto@gmail.com

Guilherme Augusto Beserra Araújo (UEMA)

dmsssgg4@gmail.com

RESUMO

O artigo aborda o ensino da metáfora nos livros didáticos de língua portuguesa do PNLD 2021 com o objetivo de investigar como as metáforas são apresentadas naqueles livros. A partir dos estudos gramaticais, linguísticos e das respectivas literaturas presentes no material didático, apresenta-se estudos da teoria da interação de Black (1962,1993) Sardinha (2007), Fossile (2015), Silva Neto, Fossile e Herênio (2014), Moura (2012) e Ferrarezi (2019), além de contribuições da filosofia da linguagem nessa investigação. A coleta de dados realiza-se a partir de fontes filosóficas e literárias primárias e secundárias, com a exposição de mapas mentais, tabelas e discussões metafóricas, para com isso se perceber a metáfora como artifício que captura fluxos para o ensino de língua portuguesa¹.

Palavras-chave:

Congnição. PNLD 2021. Metáfora e literatura.

ABSTRACT

The article addresses the teaching of metaphor in Portuguese language textbooks from PNLD 2021 with the aim of investigating how metaphors are presented in those books. Based on grammatical and linguistic studies and the respective literature present in the teaching material, studies on the interaction theory of Black (1962, 1993), Sardinha (2007), Fossile (2015), Silva Neto, Fossile and Herênio (2014), Moura (2012) and Ferrarezi (2019) are presented, in addition to contributions from the philosophy of language in this investigation. Data collection is carried out from primary and secondary philosophical and literary sources, with the presentation of mental maps, tables and metaphorical discussions, in order to perceive metaphor as a device that captures flows for teaching Portuguese.

Keywords:

Cognition. PNLD 2021. Metaphor and literature.

¹ Pesquisa desenvolvida a partir de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA/Processo: BIC-06117/24, no projeto de pesquisa “O ensino da metáfora no livro didático de Língua Portuguesa do PNLD 2021 do ensino médio e como estratégia que captura significados e sentidos”.

1. Introdução

O presente artigo reflete o ensino da metáfora no livro didático de língua portuguesa do PNLD de 2021 do ensino médio e como estratégia que captura significados e sentidos em textos literários. Buscou-se responder os seguintes questionamentos: como o ensino e aprendizagem da metáfora é apresentado no livro didático do ensino médio? Que conceito de metáfora é apresentado nos livros didáticos de língua portuguesa e nos estudos linguísticos e filosóficos? E com a aplicação e as análises feitas possamos responder: o que é metáfora? Baseou-se nos estudos apresentados pelos gramáticos e, também, pelos linguistas Fossile (2015) e Moura (2012).

Para respondermos e compreendermos esses questionamentos nos fundamentamos na abordagem interacionista da metáfora, pois além de ser integrante da linguagem, essa sustenta a ideia de que a metáfora é uma declaração com autonomia, em que se expressam um conteúdo cognitivo por si só, e que captura significados e sentidos. Apresentar a metáfora enquanto uma criadora de interpretação do mundo e de representação do mesmo, com base nos estudos filosóficos feitos a partir de teóricos como Aristóteles (2012), Deleuze; Guattari (2010), Nietzsche (2007), Derrida (1973), Deleuze (1996), Malufe (2012) nos fez analisar o ensino e a aprendizagem da metáfora na perspectiva do livro didático de língua portuguesa e no panorama das bases teórico-metodológicas do uso das metáforas em Fossile (2014), Moura (2012) e Ricoeur (2001).

Dessa forma, a coleta de dados foi feita por meio das análises e reflexões das literaturas selecionadas como fontes primárias e secundárias para atingirmos os nossos fluxos linguístico-literários.

2. Concepção tradicional de metáfora e novas concepções sobre a mesma.

Uma das concepções de metáfora investigada diz que “a interpretação de uma metáfora é guiada pelo contexto no qual ela se insere, que define um padrão de interpretação” (MOURA, 2007, p. 419), se levarmos em conta que a metáfora só pode existir em um contexto e que esse contexto lhe garante interpretação, temos antes de tudo, a metáfora como um fenômeno social e que só pode ser vista à medida que é condicionada por um grupo social que lhe garanta função.

Assim, a metáfora pode ser vista como um fio que liga o indivíduo a sua comunidade. Isso pode ser compreendido tanto a nível macro, se pensarmos em países com culturas diferentes, com signos linguísticos que lhe permitem fazer associações próprias na busca de criar metáforas, quanto no nível micro, se estivermos falando em grupos específicos da sociedade, como as pessoas que fazem parte do *hip-hop*².

A metáfora é o fio, pelo qual a sociedade é ligada em busca de significação do que já existe e do novo. Antes tínhamos uma visão de metáfora como algo meramente de arranjo, uma simples substituição de termos, mas para além da simplificação dos antigos. Neste texto, entendemos que a metáfora é o rio, onde o significado se faz fluir e percebermos que a metáfora não é uma mera expressão individual, dependente do meio, é nele (rio) que ela floresce, é aí que ela se aproveita do animal social de Aristóteles (o Homem) e constrói seu corpo (Cf. ARISTÓTELES, 2012).

De acordo com Fossile (2015, p. 13-14), “as metáforas funcionam como instrumentos cognitivos que nos habilitam a perceber certos aspectos da realidade ou revelam conexões entre fatos que a própria construção da metáfora ajuda a criar”. Apesar das concepções inovadoras que vieram a surgir no campo das linguagens, de outras áreas de conhecimento do campo das ciências humanas como a sociologia, a psicologia e a filosofia, a metáfora ainda é vista como um mero recurso de embelezamento, ela entra no texto simplesmente como semelhança traçada entre objetos distintos e não como expressão própria, como algo que está para além da utilidade tradicional que lhe é atribuída. Os alunos aprendem que a metáfora é somente uma figura de linguagem e não conseguem desenvolver uma visão mais crítica sobre o tema, que geralmente é reduzido a uma gramática normativa que se faz dominar no espaço escolar. É o que vemos, por exemplo, ao analisarmos a conceituação da metáfora no livro didático do PNLD 2021, no volume 1, Cidade em Pauta:

A literatura, a depender das escolhas e do estilo do autor, pode revelar registros da linguagem de uma época, formas de uso da língua praticadas por uma classe social e variações utilizadas pelos falantes. A linguagem literária também pode explorar novos sentidos de palavras e expressões, fazendo uso de metáforas, metonímias, ironias e outras **figuras de linguagem**. (CAMPOS; ODA, 2020, p. 59) (grifo dos autores)

² Assimile-se a expressão *hip-hop* como sendo um estilo musical e de dança (FOCHI, 2007).

Outrossim, temos aqui uma primeira visão dos autores desse material didático sobre a literatura e a linguagem, esse livro simplifica o conhecimento linguístico-literário, os fluxos que o aluno pode ter ao se falar do estudo da metáfora, levando-os a uma primeira compreensão sobre o que é literatura e o uso da língua praticada por falantes de uma classe social e suas variações, para os autores esses falantes podem se utilizar da linguagem literária para explorar novos sentidos e expressões da língua a partir de figuras de linguagem, entre elas está a metáfora. A seguir, apresentam-se as concepções tradicionais e o que seriam esses novos fluxos de metáfora.

Quadro 1: Divisão da compreensão da metáfora e suas concepções.

ASPECTOS	CONCEPÇÃO TRADICIONAL DE METÁFORA	CONCEPÇÃO NOVA DE METÁFORA
Definição de Metáfora	Figura de linguagem que transfere significados de uma palavra para outra, criando semelhanças entre elas.	Forma de expressão que capta a interpretação da natureza e da subjetividade na construção de sentidos.
Função	Servir de modo estilístico ao falante para enriquecer sua fala.	Modo de questionar a objetividade e revelar as verdades ocultas, construindo novas possibilidades do real.
Conhecimento	Ajudam na compreensão de conceitos abstratos e figurativos.	Moldam a realidade e buscam intervir diretamente no conhecimento adquirido e na interpretação que temos do mundo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024) a partir de Moura (2012) e Aristóteles (2014).

O quadro 1 mostra o uso da metáfora em contextos de acordo com seus aspectos que lhe dão definição, observa-se que a visão tradicional é um tanto limitada e trata a metáfora como um fenômeno menor da língua, enquanto a concepção da segunda coluna traz em si um mundo à parte sobre a metáfora, ela não é mais só um recurso linguístico, ela é antes de tudo uma catalisadora de possibilidades da existência de sentidos, ela molda a realidade e a possibilidade de, o homem, reconhecer o mundo em que vive.

Desse modo, na visão aristotélica se acorrenta a metáfora, fica quase impossível pensarmos nas múltiplas formas que esta poderia nos direcionar e seguir. Os livros são reprodutores disso, dessa simplificação dessa diminuição de toda potencialidade que nela é contida, a metáfora aqui é sempre vista como um dado concreto, alienado do meio e que pare-

ce estar acima das relações sociais, é sempre invocada à medida que o conceito de estética aparece, e só pode ser metáfora se aceitar ser usada pela linguagem como se os outros campos fossem menores em sua utilização.

Na busca de compreensão do seu uso nas mais diversas ocasiões, o que queremos mostrar é que existe um escape dessa conceituação de metáfora, sendo ela muito mais que um objeto pré-definido e que funciona como um vazio que existe no falante e na sua intenção, e à medida que é solicitada em seu conteúdo, sua manifestação é, ou ficaria, completa.

3. *A metáfora como fluxos entre a realidade e a linguagem*

A metáfora é um processo pelo qual se faz entender o próprio mundo, o que nele reside e o que dele escapa; são fluxos que, através de processos cognitivos, faz uma possível união entre a linguagem e a realidade, entre a metáfora e as próprias técnicas que a compõem.

Essa se configura como uma arte de criar, que tem a linguagem, a comunicação e os processos mentais como matéria-prima. Entender isso é saber que o conceito tem em si sempre uma espécie de contrariedade, como uma névoa que envolve o atual, querendo expandir a realidade. É por isso que a metáfora pode ser entendida como essa arte que cria, pois o criar traz em si todo o aparelho metafórico que vai além da representação por meio da substituição. Ela é bem maior, à medida que rompe com os limites da linguagem atual, procurando novos significados pelos quais o real é rasgado, até sair de si algo novo, como uma espécie de “dialética imanente”, que contrapõe, que mantém e que eleva – nesse caso, a elevação da cognição e da sociedade que dela faz uso (Cf. DELEUZE, 1996).

Baseou-se nesse autor e outros para refletirmos e pensarmos que a metáfora segue como uma impostora, como uma subversiva, que move os fluxos das palavras em direções que não são do seu estado natural. O trabalho da metáfora continua sendo o objeto de palavras para caminhos que não a designavam, originalmente; ela é, na verdade, uma ponte que liga o concreto ao abstrato, expandindo a língua por teias de significação. Uma vez que a palavra cai nessa teia, ela não possui mais uma casa fixa, mas sim um vasto mundo onde, em cada lugar, sua função se altera. A palavra escapa da prisão do dicionário e passa a usufruir de um reino de significados e sentidos.

Por exemplo, quando usamos a expressão “seu rosto é uma lua”, tiramos o sentido literal da palavra “lua” – satélite natural que gira em torno da terra – e a aplicamos a algo que define uma condição ficcional, que seria o rosto imaginário de uma pessoa com a cara de lua (Cf. MALUFE, 2012, p. 186). Contudo, essa expressão também carrega significações próprias que se manifestam no contexto e na forma como são faladas. Vemos, então, que ocorre uma alteração no sentido semântico, de maneira a torná-lo mais abstrato, relacionado à anatomia, ao corpo humano (seu rosto).

Essa ligação e essas conexões, para Malufe “jamais podem de fato se cruzar, se intercontaminar, se interdeslocar, a não ser no sonho, na fantasia, no imaginário” (2012, p. 187). Para esse autor, é nisso que reside o mistério da metáfora, essa ligação impossível entre objetos distintos que não apenas criam assimilações, mas também uma nova visão do mundo e de seus elementos, pois essa é menos uma fuga da realidade; seu objetivo não é alienar o possível para justificar suas associações, por mais exóticas que sejam. Ela é, na verdade, uma expansão da realidade em si, uma expressão de uma vontade inerente de transformação, de vir a ser. Como uma potência em busca de ser não o “sou”, mas o “estou”, a metáfora é sempre flexível, complexa e singular.

É por isso que “a metáfora nasce no uso” (MOURA, 2008, p. 182) e à medida que os falantes buscam formas de conhecer o mundo. No decorrer de sua busca por sentido, quando o pensamento tenta alcançar a realidade, a metáfora nasce: uma invocação da linguagem, um apelo do falante que não tem acesso direto à realidade em si. É impossível acessar o real tal como ele é; há sempre limites da razão que exigem a representação do pensamento por meio da cognição.

Por isso, a psique depende tanto da metáfora; é na mente que se articulam métodos para construir a realidade. A realidade do homem é uma grande metáfora, pois está sempre condicionada por formas de interpretação e por estímulos que se expressam nos enunciados e nas intenções do falante. Como afirma Nietzsche, “sem metáfora, não há nenhum conhecer propriamente dito” (2007, p. 80). Quando apresentamos um conhecimento do mundo, esse surge com uma distorção, causada pela falta de acesso direto à essência das coisas.

Assim, ao falar de um ente no mundo, ele é mais aquilo que foi decidido socialmente para ser do que aquilo que realmente é. Não há uma abordagem totalmente literal das coisas. Por exemplo, ao pensarmos e

falarmos sobre uma árvore, usamos esta palavra mais para evocar o que vemos do que para designar o que a árvore realmente é. A língua, então, cria o mundo e é metafórica em sua essência, pois permite ao homem tocar o mundo, ainda que “de luva”. Esse toque não é apenas para conhecer ou descobrir, mas para inovar e expandir. A língua é o primeiro contato com o mundo a partir da linguagem. Como disse Derrida: “a linguagem é originalmente metafórica” (1973, p. 330).

Quadro 2: Fases do processo de conhecer através da metáfora.

Consciência	Possibilidade de conhecer	Mundo
Sujeito	Metáfora	Objeto
Intenção do falante	Representação da coisa	Coisa em si

Fonte: Elaborado pelos autores (2024) a partir de Nietzsche (2007) e Derrida (1973).

O quadro (2), portanto, exemplifica os estágios que são criados o conhecer até a captação de sentidos; vemos a consciência do sujeito que se conecta com a possibilidade de conhecer que por sua vez vê o mundo, mas o mundo do sujeito possui mediação e essa mediação ocorre por intermédio do uso das metáforas, que são antes de tudo representações exercidas na intenção do falante que tenta captar no mundo, a coisa em si.

3.1. A metáfora enquanto dispositivo social que cria mapas de significados

Nessa ótica a metáfora está relacionada às formas de dispositivos que existem no tecido social como bem postulou Foucault (1999), esses dispositivos dão conta do que é real, dos discursos da realidade e sempre necessitam de um terreno, porque são moldáveis, e foi o que Deleuze disse ao, desenredar as linhas de um dispositivo, em cada caso, no construir de um mapa, no cartografar e no percorrer terras desconhecidas, foi o que ele chamou de “trabalho de terreno” (1996, p. 81), ou seja, de descobrir esse mundo da metáfora.

Para esse autor, esse terreno que é limpo e que depende dos sujeitos para serem preenchidos de sentidos. Desse modo, segundo Deleuze (1996) é preciso construir os mapas pelos quais a sociedade forma sua percepção de mundo, o que não são dados modelos prontos e fechados, existem sempre uma condição nômade que permite flexibilidade para os sujeitos construírem seus mundos a partir da metáfora.

Enfim, os sujeitos jamais podem estagnar, tem sempre uma possibilidade que lhes garantem romper com seus estágios à medida que po-

dem fazer novas ligações no âmbito social, já que essa, a metáfora, é antes de tudo, uma necessidade da cultura e esta é, sempre, tão descontínua para Deleuze.

4. Metodologia

4.1. Tipo de pesquisa

Nossas análises partem das pesquisas bibliográficas e no livro didático do ensino médio. Essas análises são desenvolvidas com base em materiais já elaborados, constituídos, principalmente, de livros e artigos científicos, porque se procura o aprofundamento de uma realidade específica, aqui, como se apresenta o ensino de língua portuguesa, ou seja, de metáforas no material disponibilizado pelo PNLD. Em nossas análises adota-se a abordagem exploratória de caráter qualitativo, porque analisou-se a partir dos materiais, a possibilidade de uma compreensão mais aprofundada e analítica do ensino e aprendizagem de metáfora. A abordagem qualitativa ocorreu no contexto teórico da metáfora e das análises e discussões propostas no livro didático de ensino.

4.2. O universo de amostra

O universo e a amostra da pesquisa foram constituídos pelo guia do PNLD de língua portuguesa e pelo livro didático do ensino médio. A partir desses materiais elaborou-se conceitos e análises das metáforas presentes no livro didático, com o objetivo de investigar como os autores do livro compreendem e abordam as metáforas, e como estas são apresentadas, e no panorama das bases teórico metodológicas de análises seguem-se os postulados de Fossile (2015), Moura (2012), Ricoeur (2001), Aristóteles (2012) para a análise, a partir da filosofia da linguagem, partiu-se das contribuições de Derrida (1973), Nietzsche (2007), Malufe (2012), Deleuze e Guattari (2010) e Deleuze (1996).

4.3. Instrumentos de coletas de dados

A coleta de dados foi feita por meio de fontes primárias e secundárias da bibliografia consultada. A utilização de instrumentos na coleta de

dados foi feita por meio de procedimentos de análises dos conteúdos metafóricos do livro didático e de textos literários.

5. *Metáfora e Literatura: expansão das realidades*

Outrossim, faz-se necessário uma análise dos usos de metáforas dentro do campo literário a partir dos textos de literatura presentes no livro didático do PNLD (2021), para traçarmos as aproximações entre a metáfora e a literatura, levando em consideração que a segunda faz uso da primeira na construção do seu repertório de mundo.

A literatura é uma forma livre que evoca o pensamento do autor e do mundo que vive para criar uma forma nova, que mesmo em frente a uma essência igual, se pensarmos no amor do mundo e da literatura, não encontramos diferença, mas há uma existência, bem diferente da do mundo, portanto a literatura assim como a metáfora não é uma mera mimese aristotélica, é antes de tudo uma ação, uma criação uma atividade do real conhecendo e reconhecendo outra forma de realidade, a realidade metafórica, no que tem de mais próximo com o mundo e o que existe no mais distante, também (Cf. RICOEUR, 2001).

O mundo da literatura é medido pela palavra em ação, e no que ela causa em quem por ela é tocado, é uma arma de sentido que coloca a metáfora no mundo e captura a consciência do homem em busca de gerar sentidos. “A **literatura** além de oferecer entretenimento, representa muitos dos **valores de sociedade**, bem como pode propor, **diálogos novos** com os leitores e colocar em discussão **diferentes visões de mundo**” (CAMPOS; ODA, 2020, p. 263, grifo dos autores).

5.1. *A criação de novos diálogos a partir da metáfora no livro didático e na literatura*

O livro apresenta a literatura como uma possibilidade de realizar novos diálogos, criando fluxos de interação entre os estudantes, que podem ver na literatura não só uma forma de conhecer a sociedade em que vivem, mas também de transformá-la. A literatura e suas metáforas entrelaçam o real e o imaginário, gerando assimetrias e desconfortos com o que existe no presente. Isso constitui uma condição essencial para o surgimento de novas linhas de significados. A construção de significados em vários níveis é o que torna a literatura uma fonte de inovação, pois garan-

te-a em certa medida, ou seja, “é assim que todos somos ‘bricoleurs’”, como afirmou Deleuze e Guattari (2010, p. 11).

Para esses autores, a ideia de sermos “bricoleurs” refere-se ao fato de que, enquanto sujeitos, possuímos várias multiplicidades e rompemos com a unicidade do ser. Isso nos permite caminhar livremente por diversos grupos de sentidos, sem a preocupação de deixar de ser o que éramos, evitando a estagnação da identidade.

E, é aí, que a literatura atua, impedindo a estagnação e possibilitando que os sujeitos desviem e combinem vários sentidos em diferentes contextos, criando coisas novas que não são meras cópias, mas, necessariamente, expressões originais. Nesse processo, a metáfora torna-se um contínuo a lançar-se no mundo, como nos exemplos sobre metáforas, extraídos do livro didático dos autores Campos e Oda (2020):

“Tempo é dinheiro”.

“Não vou gastar meu tempo com isso”.

“Não tenho tempo a perder”.

Precisamos compreender que esse tipo metafórico apresentado já foi cristalizado, isso ocorre porque a metáfora cognitiva estabelece novos sentidos e significados quando relacionamos dois conceitos linguísticos, possibilitando novas experiências (Cf. FOSSILE, 2015):

“voar isso não dói”.

“o poema é uma máquina”.

A metáfora tradicional é usada somente como artifício retórico para enriquecer a linguagem e não pretende estabelecer relações profundas com a forma de captação de sentidos pelo pensamento, para Campos e Oda (2020, p. 21) “esse processo de associação e comparação não explícita de sentidos de palavras ou expressões é chamado de metáfora”.

Por outro, lado, nos exemplos abaixo sobre metáforas, extraídos da literatura, do conto “A ilha desconhecida”, de Saramago (1998):

As velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervo, **E as costuras são como os nervos das velas**, pensou a mulher da limpeza, contente por estar a aprender tão depressa a arte de marinharia. (SARAMAGO, 1998, p. 8) (grifos nossos)

Observou-se que no excerto, do conto saramaguiano, uma riqueza de metáforas, a partir do mesmo percebeu-se processos de criação de novas realidades e novas experimentações. No trecho extraído, por exemplo, em **“as velas são os músculos do barco”** há um estabelecimento de conexão entre duas posições que podemos considerar de ordens distintas, temos “as velas” de um lado e **“os músculos do barco”** de outro, com isso há um trabalho cognitivo, há uma relação que se estabeleceu no texto, ou seja, à medida que faz com que as velas se configurem, a partir das categorias presentes nos músculos, essas fazem parte do corpo humano.

O que fez o sujeito? Esse precisou ver no texto que “quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, essa multiplicidade não tem mais nenhuma relação com o uno, como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Percebeu-se, que a metáfora presente no trecho, segundo esses autores, ocorre na realidade em si, a multiplicidade da metáfora faz com que novas realizações ocorram, não como um mero reflexo de etapas anteriores, porque ela se realiza no plano de sua própria imanência, não é uma fragmentação, é pura diferença, o novo, porque “as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.16).

Existe uma contundência, porque o leitor poderá perceber que **“as costuras são como os nervos das velas”**, essas costuras do barco correspondem aos nervos, que estão em constante interação. Aqui a metáfora nos leva a pensarmos como as costuras são essenciais para o funcionemos das velas, uma vez que a força das metáforas ao desrespeitarem a fixação que algumas concepções as colocaram, elas estão em constante fluxo como num rizoma deleuziano, esse “rizoma é aliança, unicamente aliança (...) o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’, ou seja, o devir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36).

Para esses autores, essas conexões da metáfora não seguem uma forma rígida, mas se proliferam de forma aberta e interconectada, como no rizoma, criando novos sentidos à medida que se expande, sem criar a necessidade de se fixar em um único significado ou necessariamente em uma identidade.

A seguir, apresenta-se mais um enxerto retirado do livro A ilha desconhecida:

E tu para que queres **um barco**, pode-se saber, foi o que o rei de facto perguntou quando finalmente se deu por instalado, com sofrível comodidade, na cadeira da mulher da Limpeza, **Para ir à procura da ilha desconhecida**, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o **rei** disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há Ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, **rei**, que **já não há Ilhas desconhecidas**, Estão todas nos mapas, **Nos mapas só estão as Ilhas conhecidas**. (SARAMAGO, 1998, p. 4) (grifos nossos)

Nesse segundo trecho, notou-se a presença de metáforas, por exemplo, quando o homem diz “para ir procurar a ilha desconhecida” essa ilha é uma metáfora, de algo que ainda não se apresentou e de um desejo de alguém ir atrás desse desconhecido, isso pode fazer alusão a uma vontade prescrita no homem, de romper com o que já está estabelecido pelo rei, que pode ser visto e entendido como uma metáfora daquilo que representa o poder.

Para Foucault “não há exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcionam nesse poder, a partir e através dele” (1999, p. 28). O rei apresentado no trecho do conto representa essa afirmação de Foucault, uma vez que ele afirma “já não há ilhas desconhecidas” fazendo com que o homem seja visto como um louco, como estranho que não opta por “respeito”.

Como visto, essa economia de discursos de verdades, verdades essas que criam uma realidade, a qual o homem pretende romper. O sujeito poético-narrativo diz que “nos mapas só estão as ilhas conhecidas”, o barco citado acima, faz referência e nos dar um rumo a essa ponta de escape, a essa fuga desse lugar já demarcado, fugir de Édipo, pois “Édipo supõe uma fantástica repressão das máquinas desejantes” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13).

Ademais, o personagem segue o fluxo do rompimento, e as metáforas o acompanham, se desfazendo de suas amarras de tempo e espaço em que se encontra localizado. Notou-se, por vez, que as metáforas são mapas e “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Adicionalmente, nos fundamentamos em Moura (2012), para compreendermos que a metáfora se dar quando captamos a interpretação da natureza e da subjetividade na construção de sentidos em uma determinada expressão. Porque a sua função é questionar a objetividade e revelar as

verdades ocultas, construindo novas possibilidades do real. Quando alcançamos esse conhecimento a realidade é moldada, a partir desse novo intervemos diretamente no conhecimento adquirido e na interpretação que temos do mundo.

Com isso, se faz necessário reavaliar como a metáfora está disposta no livro didático, que mesmo apresentando uma complexidade e relevância, se poderia enriquecer o aprendizado dos alunos com a exploração de outras fontes de significado presentes na linguagem, na filosofia e na literatura.

6. Considerações finais

Ao examinar o ensino da metáfora no livro didático de língua portuguesa do PNLD (2021), ressaltamos sua importância como ferramenta de construção de significados em textos literários. Ao contrastar concepções tradicionais e contemporâneas, evidenciamos que a metáfora vai além de um mero recurso estilístico. A análise dos textos mostrou que a metáfora é uma expressão viva, enraizada em contextos sociais e culturais.

A partir de Nietzsche (2007) e Derrida (1973) corroboramos com a ideia de que a linguagem, por ser originalmente metafórica, se dar pelo processo de conhecimento, pela consciência e pela possibilidade de conhecer o mundo. Esse conhecimento parte de um sujeito, da expressão metafórica que se visualiza no objeto; com isso se tem processa a intenção do falante, a representação da coisa e se chega ao novo conhecimento da coisa em si.

Portanto, reavaliar o ensino da metáfora nas escolas, promovendo uma abordagem que reconheça sua complexidade e relevância se faz imperioso. Essa mudança poderá enriquecer o aprendizado, capacitando os alunos a explorarem as múltiplas camadas de significação presentes na linguagem e na literatura, o que contribui para a criação de novas conexões e fluxos literário-linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 2014.

ARISTÓTELES. *A Política*. Trad. de Nestor Silveira Chaves. São Paulo Lafonte, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. *Guia digital PNLD 2021*. Brasília-DF, 2021.

CAMPOS, Maria Tereza Rangel Arruda; ODA, Lucas Kiyoharu Sanches. *Multiversos: língua portuguesa: ensino médio*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.

_____. *et al. Multiversos: linguagens: no mundo dos afetos: ensino médio*. 1. ed. São Paulo: FTD, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Edições 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. *O mistério de Ariana*. Trad. e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega – Passagens, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol.1

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/USP, 1973. p. 330

FOSSILE, Dieysa Kanyela. *Metáforas verbais: um estudo analítico-descriptivo*. Palmas-TO: Universidade Federal do Tocantins/EDUFT, 2015.

FOCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Trad. de Maria E. Galvão. São Paulo, 1999.

MALUFE, A. C. Aquém ou além das metáforas: a escrita poética na filosofia de Deleuze. *Revista de Letras*, p.187, 2012.

MOURA, Heronides. *Vamos pensar em metáforas?* São Leopoldo: Unisinos, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sobre verdade e mentira*. Trad. de Moraes de Fernando Barros. São Paulo: Hedra, 2007. p. 80

SARAMAGO, José. *O conto da ilha desconhecida*. Aquarelas Arthur Luiz Piza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RICOEUR, Paul. *La metáfora viva*. Trad. de Agustín Neira. Madrid: Trotta, 2001.